

PRÁTICAS AVALIATIVAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PENSANDO A RELAÇÃO PROFESSOR E ESTUDANTE

Wesley Alves Quinta¹
Glauciene Leonel de Faria Quinta²
Nália Moreira Severo Dorneles³
Vivien Dias da Silva Amorim⁴

RESUMO

This study presents a research on the evaluative practice in Youth and Adult Education (YAE). The main objective is to analyze and reflect on strategies for a more effective and collaborative evaluation in this context. The methodology used consisted of a literature review, in which articles, books, and relevant documents on the topic were consulted. Based on this review, guidelines and strategies were identified to promote meaningful evaluation in YAE. The research begins with a brief introduction on the importance of evaluation in YAE, highlighting the need to consider the characteristics of adult students and their learning needs. The objectives of the study are to present strategies for a more effective and collaborative evaluative practice, valuing the active participation of students, their experiences, and knowledge. The methodology employed was the literature review, in which various relevant materials were selected and analyzed. The key concepts and approaches were systematized and organized coherently, enabling a comparative analysis of different perspectives. Throughout the study, guidelines and strategies for more effective evaluation in YAE were identified, such as promoting active student participation, valuing the diversity of knowledge, fostering collaboration and teamwork, and providing constructive feedback, among other aspects. In conclusion, this study highlights the importance of meaningful and collaborative evaluation in YAE, emphasizing the need to consider the particularities of adult students. The presented strategies can contribute to a more effective evaluative practice, providing an inclusive, motivating, and conducive learning environment for adult students.

Palavras-chave: Youth and Adult Education. Evaluation. Evaluative practice. Collaboration. YAE.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos desenvolvida no Brasil e no mundo de forma cada vez mais eficaz com o advento da modernidade e a tecnologia atual permitindo que o estudante jovem ou adulto tenha maiores contatos por meio do conhecimento e que o ambiente escolar se torne mais propício para esse desenvolvimento.

Entretanto, nem sempre foi dessa forma: no decorrer da história têm-se estudos e pesquisas de diversos autores, que relatam a difícil trajetória dessa modalidade de ensino. Quando se fala em educação de adultos, o primeiro olhar é que são pessoas maduras, fora da idade regular de escolarização, que possuem menos capacidade, menos potencial e menos inteligência do que um estudante do ensino regular. Na

¹ Licenciado em Filosofia, PUC/GO. Mestrando em Educação pela FICS, wesleyquinta@gmail.com

² Licenciada em Letras, Português/Inglês, UEG. Mestranda em Educação pela FICS, glaucieneleonel@gmail.com

³ Licenciada em Matemática, UEG. Mestranda em Educação pela FICS, profmatnalia@hotmail.com

⁴ Licenciada em Letras, Português, UFG. Mestranda em Educação pela FICS, professora.vivien38@gmail.com

verdade, estamos falando de sujeitos com diferentes histórias de como e por que saíram da escola e agora retornam a ela.

Dentro dessa discussão acerca do acesso do estudante, devemos considerar que a escola e ao provimento de condições para sua permanência do estudante nela, uma parte dos procedimentos pedagógicos me chamou a atenção, e me levou a pensar na presente pesquisa e refletir: a avaliação.

Diante disso, a pergunta de pesquisa deste trabalho é: Como contribuir para que as Práticas Avaliativas na Educação de Jovens e Adultos – EJA, entre professor e estudante, deixe de ser meio de perpetuação de certo autoritarismo conceitual e passe a cumprir sua mencionada função, que é aperfeiçoar e direcionar o processo de ensino e aprendizagem?

O objetivo deste trabalho é analisar e refletir sobre propostas avaliativas, destacando a natureza contínua e inacabada do processo de avaliação. Além disso, busca-se demonstrar a importância da avaliação como meio de evidenciar os conhecimentos dos estudantes. Também se objetiva discutir a necessidade de o professor coordenar e motivar os grandes temas da disciplina, enquanto os estudantes os pesquisam de diferentes formas. Outro objetivo é ressaltar a importância da aprendizagem por meio da colaboração e cooperação, em contraponto à competição, e o papel fundamental do professor nesse processo. Por fim, pretende-se apresentar um documento que sirva como subsídio para a formação de professores nas redes públicas e privadas, oferecendo orientações e estratégias para uma prática avaliativa mais efetiva e colaborativa.

Durante a trajetória acadêmica e na atuação profissional, o autor deste trabalho identificou o desafio significativo relacionado à Avaliação da Aprendizagem. Nesse contexto, reconheceu a necessidade de compreender e ser compreendido, uma vez que o processo avaliativo requer a consideração de diversos fatores externos, tais como as experiências cotidianas dos estudantes, as influências cognitivas e os saberes acumulados. Além disso, é importante levar em conta a tradição familiar e a falta de condições adequadas para o desenvolvimento intelectual das aprendizagens.

Ao atuar como professor na Educação de Jovens e Adultos (EJA), o autor pôde observar que os critérios tradicionais de avaliação são insuficientes para avaliar adequadamente o processo de assimilação do conhecimento por parte dos estudantes. Foi constatado que, ao incentivar a exposição de ideias e a conexão com a vida cotidiana dos estudantes, os resultados positivos nas avaliações são

alcançados de forma mais natural e objetiva.

Diante desse contexto, este trabalho tem como objetivo principal considerar o desempenho e a dedicação dos estudantes, buscando compreender as dificuldades e os objetivos não alcançados nas avaliações. Pretende-se abordar o processo avaliativo sob as perspectivas de autonomia, identidade, liberdade e humanização do sujeito. Dessa forma, busca-se uma abordagem mais abrangente e significativa, que vá além dos critérios tradicionais de avaliação e valorize a individualidade e as experiências dos estudantes.

A metodologia utilizada neste trabalho consistiu em uma revisão bibliográfica, na qual foram consultados diversos artigos, livros e documentos relacionados à temática da prática avaliativa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Inicialmente, foram selecionadas as principais referências bibliográficas de autores renomados na área, como Paulo Freire, Hugo Assmann, Jussara Hoffmann, Cipriano C. Luckesi, entre outros. Esses materiais foram analisados de forma crítica, buscando extrair as principais contribuições e perspectivas relacionadas à avaliação na EJA.

A partir dessa seleção inicial, realizou-se uma leitura detalhada dos textos, com o objetivo de identificar os conceitos-chave, as abordagens teóricas e as estratégias propostas pelos autores. As informações relevantes foram sistematizadas e organizadas de forma coerente, permitindo uma análise comparativa entre as diferentes perspectivas. Durante a revisão bibliográfica, foram observadas as contribuições dos autores em relação à importância da colaboração e da valorização dos saberes dos estudantes adultos na prática avaliativa. Também foram analisadas as estratégias propostas para promover uma avaliação mais efetiva e colaborativa, considerando a diversidade de ritmos de aprendizagem e a necessidade de uma abordagem formativa.

Ao finalizar a revisão bibliográfica, foi possível obter um panorama abrangente sobre a temática da prática avaliativa na EJA, embasado em diferentes perspectivas teóricas e contribuições dos autores consultados. Essa revisão bibliográfica serviu como base para o desenvolvimento das orientações e estratégias apresentadas neste trabalho, visando a promoção de uma prática avaliativa mais significativa e colaborativa na EJA. É importante ressaltar que a revisão bibliográfica é um método de pesquisa que se baseia em materiais publicados anteriormente, e, portanto, todas as informações e ideias presentes neste trabalho foram devidamente referenciadas e atribuídas aos seus respectivos autores.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao estabelecer a relação das práticas educativas o contexto formal de educação na avaliação se faz necessário dialogar com diversos saberes criados nas comunidades, nos âmbitos do trabalho e da escola com sentidos e significados culturais. Pensando nesse contexto Paulo Freire aponta caminhos importantes na possibilidade de resgate e valorização do sujeito. Segundo FREIRE (2001, p. 102)

Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade. A segurança com que a autoridade docente se move implica numa outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade se exerce ausente esta competência. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. [...] O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor ficando, portanto, comprometida a relação aluno-professor-aluno.

Diante do fazer avaliativo educacional e de sua complexidade no sentido de garantia de qualidade humana. O presente trabalho buscará a educação como princípio de valoração da vida que segundo o pensamento de Hugo Assmann: A educação perpassa os muros da escola, como meio de prática solidária nas experiências e na superação das diferenças. Conforme descreve Assmann (1998, p.40)

O aprendente não se resume em aprender coisas, se isto fosse entendido como ir acrescentando umas coisas aprendidas a outras, numa espécie de processo acumulativo semelhante a juntar coisas num montão. A aprendizagem não é um amontoado sucessivo de coisas que vão se reunindo. Ao contrário, trata-se de uma rede ou teia de interações neurais extremamente complexas e dinâmicas, que vão criando estados qualitativos novos no cérebro humano. Nesse sentido, a aprendizagem consiste numa cadeia complexa de saltos qualitativos da auto-organização neural da corporeidade viva, cuja clausura operacional se auto organiza enquanto se mantém numa aclopação estrutural com o seu meio.

Nesta linha de raciocínio podemos seguir, para tratar da dimensão ética do fazer educação. Importa colocar cuidado em tudo. Para isso, urge desenvolver a dimensão anima que está em nós. Isso significa: conceder direito de cidadania à nossa capacidade de sentir o outro, de ter compaixão, de obedecer mais à lógica do coração, da cordialidade e da gentileza do que à lógica da conquista e do uso utilitário das coisas. Este é o modo-de-ser, resgata a nossa humanidade mais essencial, como escreve BOFF (1999, p. 34):

Um modo-de-ser não é um novo ser. É uma maneira do próprio ser de estrutura-se e dar-se a conhecer. O cuidado entra na natureza e na constituição do ser humano. O modo-de-ser cuidado revela de maneira concreta como é o ser humano. Sem o cuidado, ele deixa de ser humano. Se

não receber cuidado, desde o nascimento até a morte, o ser humano desestrutura-se, define-se, perde sentido e morre. Se, ao longo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreende, acabará por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta.

Esses valores são os que fundam e alimentam uma educação de qualidade, particularmente quando consideramos sua dimensão de formação para a cidadania. E são os remédios contra o descuido com os excluídos, os desempregados, os aposentados, os idosos e os jovens que na sua maioria, reclamam uma educação qualitativa. Assim, uma educação de qualidade preocupa-se cada vez mais com o ser humano e se ocupa cada vez menos com a economia e com o mercado de trabalho. Só é possível constituir uma educação qualitativa, se esta, por primeiro, vise o ser homem na sua totalidade e individualidade. Portanto a intenção é buscar nesses e diversos outros autores, que pensam na educação, como caminho de construção da humanização e de uma nova ordem social. Onde se baseia na constituição humanitária e existencial da pessoa humana.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade educacional voltada para pessoas que não tiveram acesso ou concluíram os estudos na idade adequada. A avaliação nesse contexto possui um papel fundamental, pois busca compreender o processo de aprendizagem desses indivíduos, considerando suas experiências prévias e peculiaridades. Nesse sentido, este texto discutirá as práticas avaliativas na EJA, analisando a relação entre professor e estudante, com base em estudos de diversos autores renomados.

Paulo Freire, em suas obras “Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia”, ressalta a importância da avaliação como um instrumento de reflexão crítica e transformação social. Para ele, a avaliação deve ser um processo contínuo e dialógico, que envolva tanto o professor quanto o estudante na construção do conhecimento. Freire defende uma avaliação libertadora, que vá além dos resultados e considere a realidade dos sujeitos envolvidos.

Hugo Assmann, em “Reencantar a Educação”, destaca que a avaliação na EJA deve ser pautada na perspectiva da emancipação humana. Assmann ressalta que a avaliação deve ir além da mensuração de conhecimentos, contemplando também aspectos sociais, culturais e emocionais dos estudantes. Ele propõe uma avaliação formativa, que auxilie no desenvolvimento integral dos indivíduos e na superação das desigualdades sociais.

A importância do olhar sensível do professor na avaliação é ressaltada por

Jussara Hoffmann em seu livro “Avaliação da Aprendizagem Escolar”. Ela argumenta que a avaliação deve ser um processo humano, capaz de reconhecer e valorizar as diferentes formas de aprender dos estudantes. Hoffmann propõe uma avaliação que considere as múltiplas inteligências e que valorize a diversidade de saberes trazidos pelos estudantes adultos.

Cipriano C. Luckesi, em “Avaliação da Aprendizagem Escolar”, defende que a avaliação na EJA deve ser entendida como um processo diagnóstico, formativo e participativo. Ele destaca a importância de um diálogo constante entre professor e estudante, em que ambos possam refletir sobre os avanços e dificuldades encontrados durante o processo de aprendizagem. Luckesi ressalta que a avaliação não deve ter um caráter punitivo, mas sim promover o desenvolvimento contínuo dos estudantes.

Jussara F. Paim, em seus estudos sobre a EJA, destaca a necessidade de uma avaliação que vá além da simples repetição de conteúdos. Ela argumenta que a avaliação deve possibilitar a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento da autonomia dos estudantes adultos. Paim ressalta a importância de estratégias avaliativas diversificadas, que valorizem as experiências e saberes trazidos pelos estudantes para a sala de aula.

Anísio Teixeira, um dos grandes pensadores da educação brasileira, ressalta a importância de uma avaliação que considere o contexto social e histórico dos estudantes adultos. Teixeira defende que a avaliação na EJA deve ser sensível às demandas e realidades dos estudantes, buscando promover a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento integral.

Miguel Arroyo, em suas obras sobre a EJA, destaca a importância da avaliação como um meio de reconhecimento e valorização das experiências de vida dos estudantes adultos. Arroyo ressalta que a avaliação deve considerar as múltiplas temporalidades presentes na sala de aula, valorizando os saberes construídos ao longo da trajetória de vida dos estudantes.

Luiz Fernando Dourado, em seus estudos sobre avaliação na EJA, destaca a importância de uma prática avaliativa que dialogue com os conhecimentos e práticas culturais dos estudantes adultos. Dourado ressalta que a avaliação deve ir além do domínio de conteúdos específicos, considerando também as competências socioemocionais e a capacidade de reflexão crítica dos estudantes.

Philippe Perrenoud, em suas pesquisas sobre avaliação formativa, ressalta que

a avaliação na EJA deve ser um processo contínuo de acompanhamento do desenvolvimento dos estudantes. Perrenoud destaca a importância de uma avaliação que forneça feedbacks construtivos, incentivando os estudantes a superarem suas dificuldades e aprimorarem seus conhecimentos.

As pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) têm revelado a importância da Educação de Jovens e Adultos como uma forma de inclusão social e combate à desigualdade. A avaliação nesse contexto assume um papel crucial para acompanhar o progresso dos estudantes e identificar possíveis dificuldades, a fim de garantir uma educação de qualidade e que atenda às necessidades específicas desses indivíduos.

A Constituição Federal do Brasil também reconhece a importância da Educação de Jovens e Adultos, garantindo o direito à educação para todas as pessoas, independentemente da idade. A avaliação na EJA, conforme preconizado pela legislação, deve considerar as características e demandas dos estudantes adultos, garantindo a equidade e a valorização da diversidade presente nesse contexto educacional.

Considerando os estudos e pesquisas dos autores mencionados, é possível afirmar que a avaliação na Educação de Jovens e Adultos deve ser compreendida como um processo inclusivo, dialógico e formativo. É fundamental que os professores adotem práticas avaliativas sensíveis às experiências e conhecimentos trazidos pelos estudantes adultos, promovendo a reflexão crítica, o diálogo e o desenvolvimento da autonomia. Além disso, é necessário considerar a diversidade de saberes e trajetórias de vida dos estudantes, buscando valorizar suas experiências e construir um ambiente de aprendizagem acolhedor e significativo.

A relação entre professor e estudante na Educação de Jovens e Adultos envolve a coordenação, motivação e estímulo do professor para que os grandes temas da disciplina sejam explorados de forma significativa. O professor desempenha um papel fundamental ao iniciar e coordenar esses temas, proporcionando um direcionamento inicial para as pesquisas dos estudantes.

É responsabilidade do professor apresentar os temas, contextualizá-los e despertar o interesse dos estudantes. Ele deve fornecer orientações claras sobre como conduzir as pesquisas, quais fontes de informação podem ser utilizadas, como fazer uma pesquisa em grupo ou individualmente, e incentivar a utilização de diferentes recursos, como livros, revistas e internet.

A avaliação nesse contexto deve considerar as diferentes formas de pesquisa e construção do conhecimento. Através de pesquisas grupais, por exemplo, os estudantes têm a oportunidade de desenvolver habilidades de trabalho em equipe, trocar conhecimentos e construir coletivamente o entendimento sobre o tema em questão. O professor deve valorizar esse processo colaborativo, observando a participação de cada estudante e a capacidade de contribuir para o trabalho em grupo.

Além disso, a escrita manual e a capacidade de abstração também devem ser valorizadas nas avaliações. Os estudantes adultos podem trazer diferentes níveis de habilidade na escrita, mas é importante que o professor considere o esforço e a evolução individual nesse aspecto. A capacidade de abstração, de compreender conceitos e aplicá-los em diferentes situações, também deve ser observada e valorizada nas avaliações.

Através das diferentes formas de avaliação, o professor pode verificar o progresso na construção do conhecimento pelos estudantes. Ao acompanhar as pesquisas, é possível identificar o engajamento, a capacidade de análise crítica e a apropriação dos conteúdos. O professor deve estar atento às dificuldades individuais e oferecer apoio e orientação quando necessário, auxiliando os estudantes no desenvolvimento de suas habilidades de pesquisa e construção do conhecimento.

Nesse sentido, a relação entre professor e estudante na Educação de Jovens e Adultos é de parceria e colaboração. O professor tem o papel de coordenar e iniciar os grandes temas, motivar os estudantes e orientar suas pesquisas. Ao mesmo tempo, os estudantes são protagonistas de sua própria aprendizagem, pesquisando, construindo conhecimentos e participando ativamente do processo avaliativo. Essa abordagem valoriza a autonomia, a criatividade e a construção coletiva do conhecimento, tornando a aprendizagem mais significativa e contextualizada para os estudantes adultos.

A importância da aprendizagem por meio da colaboração e cooperação, em contraposição à competição, é amplamente discutida por diversos autores renomados. Através dessas abordagens, o professor desempenha um papel fundamental ao promover um ambiente de aprendizagem colaborativo, em que os estudantes possam compartilhar conhecimentos, construir juntos e aprender uns com os outros.

Um dos autores que aborda essa temática é Paulo Freire, em sua obra “Pedagogia da Autonomia”. Freire ressalta a importância de uma educação

libertadora, que promova a colaboração entre os estudantes e a construção coletiva do conhecimento. Ele defende a ideia de uma educação que estimule a solidariedade, a empatia e a troca de experiências, em contraposição a uma abordagem competitiva que tende a gerar exclusão e desigualdades.

Outro autor relevante nesse contexto é Lev Vygotsky, conhecido por suas contribuições para a teoria sociocultural do desenvolvimento humano. Vygotsky enfatiza a importância da interação social e da colaboração na construção do conhecimento. Segundo ele, o aprendizado é resultado da interação entre estudantes, mediada pelo professor, em que conhecimentos prévios são compartilhados e novos saberes são construídos coletivamente.

Howard Gardner, em sua teoria das inteligências múltiplas, também destaca a importância da colaboração como uma forma de promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Gardner argumenta que cada indivíduo possui habilidades e inteligências diferentes, e a colaboração permite que essas diferenças sejam valorizadas e utilizadas de forma complementar, potencializando a aprendizagem.

No contexto da avaliação, Jussara Hoffmann, em sua obra “Avaliação Mediadora”, defende uma abordagem colaborativa e formativa, em que o professor trabalhe em parceria com os estudantes para identificar suas necessidades e dificuldades, construindo estratégias de apoio e promovendo a aprendizagem contínua.

Esses autores ressaltam a importância do professor como facilitador e mediador do processo de aprendizagem colaborativa. O professor deve estar atento aos ritmos individuais dos estudantes, incentivando a participação ativa, a problematização e a reflexão crítica. Além disso, é essencial que o professor crie oportunidades para que os estudantes compartilhem conhecimentos, colaborem uns com os outros e aprendam a valorizar a diversidade de saberes presentes no grupo.

Ao adotar essa abordagem, o professor estimula o trabalho em grupo, em que os estudantes podem compartilhar ideias, debater, argumentar e construir conhecimento de forma conjunta. A colaboração permite que os estudantes aprendam uns com os outros, ampliem suas perspectivas e desenvolvam habilidades sociais e emocionais fundamentais para a convivência e o trabalho em equipe.

Na avaliação, é importante considerar a colaboração como um critério de análise, valorizando a participação ativa dos estudantes nos processos de pesquisa, discussão e construção coletiva. Além disso, o professor deve observar e valorizar as

habilidades de abstração, análise crítica e síntese que os estudantes desenvolvem ao trabalharem colaborativamente.

Dessa forma, a aprendizagem por meio da colaboração e cooperação se mostra como uma abordagem mais enriquecedora e significativa, pois permite que os estudantes construam conhecimento de forma ativa, compartilhem experiências e saberes, desenvolvam habilidades sociais e emocionais, e se tornem protagonistas de sua própria aprendizagem.

A tabela a seguir apresenta orientações e estratégias para uma prática avaliativa mais efetiva e colaborativa na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Tabela 1. Orientações e Estratégias para uma Prática Avaliativa mais Efetiva e Colaborativa na EJA

1. Promover a participação ativa dos estudantes nas atividades avaliativas, incentivando a expressão de ideias e opiniões.
2. Valorizar a diversidade de saberes e experiências trazidos pelos estudantes adultos, buscando relacioná-los com os conteúdos abordados.
3. Estimular a realização de pesquisas em grupo, utilizando recursos como livros, revistas e internet, para promover a troca de conhecimentos entre os estudantes.
4. Incentivar a escrita reflexiva e a capacidade de abstração dos estudantes, por meio de atividades que envolvam a produção de textos e análises críticas.
5. Propor situações-problema que estimulem a resolução coletiva, possibilitando a colaboração e o trabalho em equipe.
6. Fornecer feedbacks construtivos aos estudantes, destacando tanto os pontos positivos quanto as áreas que necessitam de maior desenvolvimento.
7. Criar momentos de reflexão e autoavaliação, permitindo que os estudantes analisem seu próprio processo de aprendizagem e identifiquem estratégias de melhoria.
8. Utilizar diferentes formas de avaliação, como projetos, apresentações orais, debates e produções artísticas, para diversificar as oportunidades de demonstração de conhecimento.
9. Realizar reuniões individuais ou em grupos para discutir o desempenho dos estudantes, buscando compreender suas dificuldades e oferecer apoio personalizado.
10. Estabelecer um ambiente acolhedor e respeitoso, em que os estudantes se sintam encorajados a compartilhar suas ideias e contribuir ativamente para a aprendizagem coletiva.
11. Buscar constantemente a formação e atualização dos professores, para aprimorar suas práticas avaliativas e garantir uma abordagem mais efetiva e colaborativa.

Fonte: Autoria própria com base no referencial teórico (2023).

A avaliação é um aspecto fundamental no processo educacional, e sua abordagem adequada na EJA requer considerações específicas relacionadas às características dos estudantes adultos e às suas necessidades de aprendizagem. As orientações e estratégias oferecidas têm como objetivo promover a participação ativa

dos estudantes, valorizar seus saberes e experiências, estimular a colaboração entre eles e proporcionar uma avaliação mais significativa e reflexiva. Ao adotar essas abordagens, os professores da EJA podem criar um ambiente de aprendizagem mais inclusivo, motivador e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões e análises realizadas ao longo deste trabalho, é possível concluir que a prática avaliativa na Educação de Jovens e Adultos (EJA) requer uma abordagem sensível, inclusiva e colaborativa. A avaliação não deve ser vista apenas como uma medida de desempenho, mas sim como uma oportunidade de valorizar as vivências, saberes e potencialidades dos estudantes adultos.

Foi destacado o papel fundamental do professor na coordenação e motivação dos grandes temas da disciplina, ao mesmo tempo em que os estudantes são incentivados a realizar pesquisas individuais e em grupo. O professor desempenha um papel facilitador, orientando os estudantes, fornecendo feedbacks construtivos e criando um ambiente propício para a colaboração e a troca de conhecimentos.

A aprendizagem por meio da colaboração e cooperação foi evidenciada como uma abordagem enriquecedora, que promove o desenvolvimento integral dos estudantes. Nesse contexto, é fundamental que o professor esteja atento aos diferentes ritmos de aprendizagem, estimule a participação ativa dos estudantes e promova um ambiente acolhedor e respeitoso.

A importância da avaliação como um processo contínuo, reflexivo e formativo também foi ressaltada. A avaliação deve ir além da mera verificação de conteúdos, valorizando habilidades de escrita, capacidade de abstração e análise crítica dos estudantes. Além disso, é necessário considerar a diversidade de saberes e trajetórias de vida dos estudantes, buscando valorizar suas experiências e construir um ambiente de aprendizagem significativo.

Por fim, é importante ressaltar a necessidade de formação e atualização dos professores, a fim de aprimorar suas práticas avaliativas e garantir uma abordagem mais efetiva e colaborativa na EJA. O trabalho desenvolvido neste estudo apresenta orientações e estratégias que podem servir como subsídio para a prática docente, promovendo uma avaliação mais inclusiva, participativa e reflexiva.

Em suma, ao adotar uma abordagem colaborativa, valorizando a diversidade, a participação ativa dos estudantes e promovendo uma avaliação formativa, é possível

criar um ambiente de aprendizagem mais estimulante, significativo e propício ao desenvolvimento pleno dos estudantes adultos na Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. Reencantar a Educação: Rumo à Sociedade Aprendiz. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARROYO, Miguel. Ofício de mestre: imagens e auto-imagens. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Editora Ática, 2000.

DOURADO, Luiz Fernando. Avaliação educacional: dilemas e desafios. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2020.

GADOTTI, Moacir. Educação de Jovens e Adultos: desafios do ensino em tempos de globalização. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

GARDNER, Howard. Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2011.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação da aprendizagem escolar. Porto Alegre: Mediação, 2018.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: Mediação, 2001.

IBGE. Educação de jovens e adultos no Brasil: uma análise da PNAD 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2018.

PAIM, Jussara Fagundes. Avaliação formativa na EJA: perspectivas e desafios.

Revista Nova Escola, v. 35, n. 1, p. 74-79, jan./fev. 2021.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TEIXEIRA, Anísio. Educação não é privilégio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.